

## Editorial

---

Como algo que toma vôo, necessário se faz manter o bater de asas para a continuidade da viagem. Neste estado está a presente revista e, com o lançamento de mais um número, temos a prova de que não se trata de um percurso efêmero. Se a criança, que divide a dor do nascimento com a mãe ao levar as primeiras doses de ar aos pulmões, decide se entregar às primeiras adversidades que já enfrenta, todo o processo anterior teria se dado em vão. Como um ato de respeito, prosseguimos nosso trajeto até aqui e, em forma de humildade, questionamo-nos para onde seguiremos. Ao contrário das estradas comuns, já traçadas restando apenas segui-las, assume-se mais o percurso de desbravadores: cada passo é um desafio, mas há a liberdade para ir aonde não existiu trânsito prévio, uma ampla gama de possibilidades. Permite-se dividir com o leitor, sempre convidado a tomar parte neste processo sempre inacabado, o questionamento: para onde seguir?

A construção de um caminho pelo ser humano abre para o pensamento sobre o ato de transformar. Tem-se clara a nossa capacidade de deixar legados que não se resumem aos descendentes, responsáveis pela continuidade desta tão insignificante criatura que tem a capacidade de amar com a mesma intensidade que odeia, construir como destrói. Extremos nunca puros, sempre mestiços. Podemos deixar heranças culturais que, apesar das ilusões, são concretamente sentidas, desde lágrimas derramadas por palavras que cortam muito mais do que qualquer outro instrumento, até feridas abertas de proporções continentais, que jamais fecharão.

Praticamente todo o produto de intervenção transformadora do ser humano em nosso entorno é um fruto de suor derramado de um rosto encoberto e de calos das mãos jamais expostas. Elas acumulam camada sobre camada, provas incontestáveis do legado deixado. Essas mesmas mãos que carregam um fardo pouco percebido pelos demais jamais poderão, apesar dos incessantes esforços, ser usadas para levantar a responsabilidade que pesa sobre nossos ombros. Em nosso continente, assumi-la é como olhar diretamente para a ferida e perceber a contradição de que nela também estamos e que, quando o olhar aguça, percebemos que continuamos a dilacerá-la com nossas próprias mãos. Autoflagelação indesejada e combatida. Por outro lado, fechar os olhos para tal dever significa entrar em um ciclo sado-masoquista que goza enquanto o sujeito que inflige dor é o mesmo que a sente, usando os

mesmos instrumentos que abriram a ferida e continuam a aprofundá-la sob a ilusão de suturá-la.

Eis nossa imagem atual. Aqueles que encobrem nosso rosto têm as mãos ocupadas operando os instrumentos da dominação, não restando coisa alguma senão a palavra para contar todos os méritos que jamais terão. Com a impossibilidade de acessar o verbo, temos apenas a exposta prova material do fardo que é carregado, a qual irrompe como algo completamente novo, um sentido jamais sentido. Como então entender aquilo que aparenta um mero ruído, uma distorção da mais perfeita e inabalável harmonia? Não é com a aproximação do centro que atua como emissor da ordenada paz, deixando-se envolver pela aparência de chegada ao fim, possibilidade de gozo absoluto na vida perfeita e triunfo do impulso à morte. Estar na geração de ruído nos proporciona o passo inicial que permite a autêntica originalidade, percebendo que a exceção é de fato a regra e que esta não passa de um acidente.

Voltamos, então, para a questão inicial: diante de tamanha liberdade, podemos seguir com cada árduo passo em uma direção que aprofunde a possibilidade de romper e dar sentido àquilo que antes passava ignorado. Existe sempre a possibilidade mais cômoda de tentar trilhar caminhos já abertos, com a certeza de acabar no mesmo ponto que todos os outros que por ali passaram. Toda a decisão demonstra uma tomada de valores que a antecede e sustenta e, com certeza, a responsabilidade assumida com mais um volume desta *Captura Crítica* nos leva a um “p” adiante pela mais árdua das trilhas em direção a novos caminhos.

Assim, para não deixar esmorecerem os ecos que passam por estas salas estéreis, de palavras vazias e de tempo desperdiçado; para tentar fazer com que este seja o funeral para sempre apenas das horas, façamos ecoar mais alto os ruídos. Quando não se pode tornar tudo isso mais poético por estarmos no auge do patético, pedem-se desculpas, pois o cômodo objetivo não é o que procuramos. Tentaremos antes encarar o estranho, fazer sangrar a máscara para revelar o rosto, aproximando as milhas que nos separam. Não há razão que não possamos mudar e, por isso, temos uma vaga certeza de que conforme os gritos desesperados ficam mais altos: significa que estamos um pouco mais perto.

*Os editores.*